

Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada linguística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas

Ipásia and the Information Science in Humanities: the information linguistic turn between Rorty and Habermas

por [Gustavo Silva Saldanha](#)

Resumo: Trata da epistemologia da Ciência da Informação em sua aproximação às Humanidades. Analisa a virada linguística a partir de uma leitura filosófica do pensamento de Rorty e Habermas. Discute o ponto de vista sobre a linguagem no campo da informação em diálogo com a literatura de Ítalo Calvino. Aborda os deslocamentos da epistemologia informacional diante do pragmatismo. Aponta traços do humanismo na Ciência da Informação.

Palavras-chave: Epistemologia da Ciência da Informação; virada linguística; humanidades; pragmatismo.

Abstract: Discusses the epistemology of Information Science in their approach for the Humanities. Examines the linguistic turn according to the thought of Rorty and Habermas. Discusses the views on language in the information field in dialogue with the work of Italo Calvino. Discusses the changes of information epistemology front of pragmatism. Points traces of humanism in the Information Science.

KeyWords: Epistemology of Information Science; Linguistic turn; Humanities; Pragmatism.

Epistemologia da ciência da informação em curso: a virada pragmática e outros destinos incertos...

*De todas as mudanças de língua que o viajante deve enfrentar
em terras longínquas,
nenhuma se compara à que o espera na cidade de Ipásia
(Ítalo Calvino)*

Nas últimas décadas a pesquisa em Ciência da Informação – CI – recebeu a contribuição de teorias oriundas de diferentes campos. Nesse processo, assim como ocorreu e como atualmente se dá em diversos saberes, a Ciência da Informação vivenciou – e vivencia – um processo de reorientação de sua epistemologia, voltando-se para uma *meta-reflexão* focada na linguagem. Chamada por [Habermas](#) (2004) de viragem linguística, este deslocamento filosófico se espalhou por disciplinas que vão da Psicologia à Economia, passando também pelas ciências exatas. Trata-se de uma movimentação que fundamentará uma epistemologia que tem na linguagem seu ponto de partida e seu ponto de chegada – mais do que meio, a linguagem é tomada como objeto, como pedra de toque para compreensão da realidade, esteja ela inserida em um discurso mentalista ou fisicalista.

Este deslocamento epistemológico representará, para [Habermas](#) (2004), a passagem das filosofias da consciência para as filosofias da linguagem. Em artigo, [González de Gómez](#) (1993, p. 220) demonstra os percursos históricos desta passagem, que ultrapassa os momentos ontológico e gnosiológico, chegando até a orientação pragmática. Neste itinerário, a partir da virada do século XIX para o XX, o signo é menos referenciado pelo seu “*papel coadjuvante de instrumento*”, e mais pelo seu papel nuclear de objeto do conhecimento, chegando à condição de objeto por excelência.

Trata-se de um regime epistemológico fundamentalmente antiessencialista e antimetafísico. Para [Rorty](#) (2000, p. 56-57), guardadas as proporções de cada teoria e de cada teórico, seus contextos de produção e recepção dos discursos, este regime aparece sob os rótulos de existencialismo, desconstrução, holismo, pós-estruturalismo, *wittgensteinianismo*, hermenêutica. O olhar aqui apresentado defende a realidade como uma construção social – iluminando o “sujeito da ambiência” – e a consciência como um fato linguístico – iluminando o “sujeito da linguagem”. Emergem os discursos e os métodos das ciências sociais em direção àqueles das ciências humanas.

Na Ciência da Informação este regime também ganhou diferentes significantes. Traduzido fundamentalmente pela presença de uma filosofia pragmatista dentro do fazer e do refletir sobre a informação, a viragem linguística informacional será reconhecida por Rafael Capurro como paradigma *hermenêutico-retórico* (1992) e paradigma social (2003), [Rendón Rojas](#) (1996) como enfoque pragmático, [Araújo](#) (2003), abordagens micro-sociológicas, [González de Gómez](#) (1996a) como abordagem comunicacional. Para [Capurro](#) (1992), a “*virada pragmática*” se

desenvolve na Ciência da Informação a partir da hermenêutica e da discussão em torno das Investigações Filosóficas de Wittgenstein.

Estas movimentações terão implicações decisivas para os estudos de organização do conhecimento. A virada pragmática informacional demarcaria a passagem da Filosofia naturalista – tratada como fisicalista – e da Filosofia da consciência – tratada por vezes como mentalismo – para a Filosofia informacional da linguagem. Em [Rendón Rojas](#) (1997), campo *biblioteconômico-informacional* orienta-se por signos linguisticamente articulados, para além de meros objetos sensíveis à percepção humana. Desta maneira, o contexto de apresentação e de circulação da informação trará para o campo um enfoque pragmático que não poderia deixar de ser visualizado nos estudos informacionais. Através deste enfoque que se orienta pela e para a linguagem, poderíamos compreender de maneira mais coerente as necessidades dos usuários, posicionando o signo pelo seu comunicador – atividade teleológica que a máquina não poderia realizar, atrelada estruturalmente que está a sua natureza sintática.

Na Ciência da Informação, esta viragem seria, no olhar de [Capurro](#) (1992), proposta pelos trabalhos de Norman Roberts e Gernot Wersig, entre outros, na década de 1980. Roberts procurará uma aproximação do “*homem informacional*”. Wersig consideraria os “atores” dentro das “*situações problemáticas*”. “*O tratamento racional-cognitivo dos problemas*” constitui para Wersig somente um aspecto do problema do racionalismo. O chamado “*homem informacional*” não pode ser separado das situações específicas em que está pragmaticamente/socialmente posicionado. Assim, o indivíduo que convive com a informação e a estrutura cognitiva capaz de processar informações não podem ser separados de aspectos inerentes à realidade social como a ética. Neste entendimento, Roberts e Wersig conduzem a epistemologia informacional para um pensamento hermenêutico-retórico, fundamentado por um ponto de vista pragmático. ([Capurro](#), 1992)

Como demonstrava [Suzana Müller](#) (2000) há dez anos, afirmando as modificações oriundas desta viragem, o objeto de estudo da Ciência da Informação vivencia na contemporaneidade a tendência de mudança do foco de pesquisa, dos documentos para textos, de textos para a informação transformada em conhecimento; mudança dos objetivos centrados em tecnologia para os fatores que englobam a dimensão humana; mudança da concepção da informação científica para a informação em seu sentido amplo; mudança na visão de mundo que separava o “*ter acesso*” e o “*poder usar*”, buscando agora a integração de ambos.

Este posicionamento filosófico permite um rápido processo de relativização do conhecimento – junto da redução da ideia dos fundamentos científicos como doutrinas. O absoluto dá lugar ao contextual neste outro regime epistemológico, e a produção da ciência é legitimada a partir do tecido coletivo dos discursos, e não da definição a priori de verdades. Nesta medida, o texto – entendido como dinâmica cultural da discursividade – passa a ser a manifestação do saber construído de forma aberta e deliberativa. As ciências são percebidas a partir de um olhar aberto e interdisciplinar – que respeita o específico das disciplinas e valoriza suas fronteiras. Como revela o pensamento de [Novellino](#) (1996, 1998), a Ciência da Informação está em permanente reflexão sobre a linguagem - e esta reflexão deve ser tão aberta e dinâmica quanto a linguagem o é.

No Brasil, esta demarcação apresenta inúmeros indícios. Uma linha demarcatória recente está na implementação da disciplina “*Informação, Ciência e Sociedade*”, no Programa de Pós-graduação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT -, em convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 1983. Sua aparição já era apresentada como uma necessidade de aproximação do discurso informacional do território das Humanidades ([Valia](#), 1983). As políticas públicas do âmbito cultural no contexto brasileiro, dentro do planejamento biblioteconômico, a partir dos anos 1930, com o surgimento do Instituto Nacional do Livro e posteriormente a Revista do Livro, somadas às contribuições poli-epistêmicas e de sólida tradição retórica dos Anais da Biblioteca Nacional, estes oriundos do século XIX, demonstram fragmentos de uma “resistência humanista” no campo da organização dos saberes, ainda carentes de investigações profundas.

Fruto de um estudo mais amplo que procura, dentre outros horizontes, a compreensão do conceito de humano/humanismo no discurso epistêmico da Ciência da Informação, nosso intuito neste trabalho é perceber a aproximação da Ciência da Informação às Humanidades a partir da breve leitura de dois pensadores que investigam a Filosofia da linguagem e discutem as consequências destes posicionamentos: [Jürgen Habermas](#) e [Richard Rorty](#). Ambos analisaram com cuidado o tema e apresentaram importantes contribuições para perceber as possibilidades de retorno dos saberes tratados historicamente como humanidades, que, por sua vez, sustentarão, em parte, os discursos sobre o humanismo dentro de regimes epistemológicos específicos, como da Sociologia e da Economia.

Ambos os autores demonstram a travessia do pensamento epistemológico no século XX, observando o percurso que vai de uma epistême inspirada na Física a uma filosofia da ciência orientada pela sociologia do conhecimento que, por sua vez, desembocaria em uma filosofia da linguagem intérprete dos dilemas científicos. É neste percurso que a teoria literária se emancipa para além dos estudos literários e linguísticos, participando ativamente de abordagens e de métodos das mais diferentes disciplinas da árvore do conhecimento. Ascendem nas páginas científicas aspectos filológicos e retóricos como ferramentas fundamentais para se fazer, se analisar e se compreender o conhecimento. O discurso, o texto, as vozes múltiplas, ou apenas a palavra, evidenciam-se como categorias metodológicas e objetos de investigação. Neste sentido, interagindo com as abordagens habermasiana e rortyana, realizamos a proposta do artigo junto do trabalho de Ítalo Calvino, exemplo de sujeito do universo literário que passa a figurar nas páginas de outros títulos científicos, que não aqueles do mundo ficcional e ensaístico.

Em suas “Seis propostas para o novo milênio”, o escritor italiano oferece um exemplo das possibilidades de integração das Humanidades aos demais saberes. A partir dos conceitos “*leveza*”, “*rapidez*”, “*exatidão*”, “*visibilidade*” e “*multiplicidade*”, Calvino (1990) possibilita uma leitura de todo o discurso filosófico-científico a partir da crítica sobre a linguagem por vir. Seguindo a sugestão de Habermas e Rorty, percorremos o presente texto junto do escritor, fazendo uso de um de seus fragmentos literários para aprofundamento do tema investigado, bem como para seu esclarecimento. Escolhemos o fragmento 4, do terceiro capítulo da obra “*As cidades invisíveis*”, chamado “*As cidades e os símbolos*”, para tecer esta aproximação, uma vez que o texto aborda com precisão as análises dos filósofos aqui colocados em diálogo.

No fragmento, [Calvino](#) (2003) apresenta uma cidade, de nome *Ipásia*, onde a linguagem está em permanente mudança, provocando no viajante uma constante vertigem diante da multiplicidade de sua vivência. Assim como na proposta plurimetodológica e a posteriori de uma “*razão pragmática*” no meio informacional, a linguagem em *Ipásia* não pode estar fundada em dogmas, nem pode ser congelada por uma normatização. Traído permanentemente pela falsa salvaguarda de uma linguagem estável, o viajante sucumbe às primeiras tentativas de reconhecer qualquer tipo de segurança pré-estabelecida na comunicação. A vertigem linguística provocada por *Ipásia* espelha a transformação da epistemologia nas últimas décadas, reflete a reinvenção das Humanidades e ilumina os percursos alternativos da Ciência da Informação contemporânea.

Humanismo e humanidades: desembarcando em Ipásia

Senti-me defraudado e fui pedir justiça ao sultão.

...

Só me restava interrogar os filósofos. Entrei na grande

biblioteca, perdi-me entre as estantes que despencavam

sob o peso dos pergaminhos encadernados, segui a ordem

alfabética de alfabetos extintos, para cima e para baixo pelos

corredores, escadas e pontes. (Ítalo Calvino)

O conceito de humanismo pode ser tomado a partir de diferentes visões de mundo e correntes de pensamento. A recuperação nos estudos informacionais de autores que buscam aproximar a pesquisa científica contemporânea das chamadas Humanidades, partindo de um olhar holístico sobre o conhecer, tendem, para alguns pesquisadores, a revelar uma aproximação da Ciência da Informação de um fazer humanístico, como é o caso do ponto de vista filosófico de [Capurro](#) (1992).

Segundo [Abbagnano](#) (2007, p. 602), o termo “*humanismo*” é utilizado para indicar duas instâncias diferenciadas. Em um primeiro significado, representa o movimento literário e filosófico, nascido na Itália, a partir da segunda metade do século XIV, que se espalharia para diferentes sociedades européias, definindo, a partir de seus desdobramentos, o conceito de cultura que atualmente reconhecemos. Em sua segunda acepção, a aceção retirada do “*humanismo*” partiria de um olhar genérico sobre o fundamento da filosofia humanista. Desta maneira, o conceito designaria todo movimento ou corrente de ideias que tem como fundamento a natureza

humana, e delimita-se a partir dos interesses do homem.

Esta última representa a abordagem heideggeriana sobre a ideia de humanismo. Para o filósofo, “*humanismo é isto: meditar e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano*”, ou seja, o humano “*fora de sua essência*” (Heidegger, 2008, p. 332). Para Heidegger (2008), a ideia do humanismo nasce antes do Renascimento, especificamente na República Romana. Neste contexto histórico, “*o homo humanus se contrapõe ao homo barbarus. O homo humanus, aqui, é o romano, que eleva a virtus romana, enobrecendo-a pela incorporação da paideia adotada dos gregos.*” Heidegger, 2008, p. 333)

Diferentemente do filósofo, para o historiador Peter Burke (2003, p. 40), o movimento humanista, que nos traria os significados do conceito de humanismo, representa um movimento menos de inovação e mais de ressurgimento da cultura clássica. No entanto, seria um deslocamento de ruptura, ao propor outro olhar sobre o que os historiadores passarão a denominar de Idade Média, referindo-se aos tempos anteriores, e “*escolásticos*”, ao tratar dos estudiosos e pesquisadores do período anterior, fundamentalmente aqueles filósofos ligados às primeiras universidades dos séculos XIII e XIV.

No olhar de Nepomuceno (2005, p. 159), é preciso destacar que esta noção do humanismo do pós-medieval não surgiria como uma imitação fechada dos antigos – ou seja, o retorno aos clássicos da estética da Antiguidade. Ao contrário, representaria uma tradição em nascimento que apresentava uma nova visão de mundo, com foco antiteológico e anti-racionalista. Nela, o homem é trazido para o centro de um programa cultural. Em contraponto com a Escolástica medieval, aqui a conversão da razão às certezas e dogmas é afastada, em busca de uma subjetividade que nega a lógica contemplativa dos fatos.

Para Nepomuceno (2005, p. 156), o humanismo deve fundamentalmente ser tratado como um conceito surgido nos princípios do século XIV, movimento que definiu a si próprio como humanista e se estruturava segundo as artes que diziam respeito à formação do homem, a saber: Poesia, Retórica, Gramática, Filosofia moral e História. Esse Humanismo, à época definido como *studia humanitatis*, é antes de tudo, a reconstituição da linguagem típica do universo retórico clássico.

As humanidades, por sua vez, tratariam de representar as disciplinas que, em certa medida, comungam de parte considerável dos pressupostos epistemológicos do humanismo – ou, dito de outra forma, são disciplinas que têm em comum a partilha dos fundamentos estruturais acima citados que identificam e individualizam o conceito de humanismo. Outros exemplos de saberes acadêmicos que representariam as humanidades estariam a Ciência Política, a Sociologia, a Antropologia, o Direito, a Psicologia e a Literatura. (Silveira, Ghiraldelli, 2004)

No contexto contemporâneo, Boaventura Santos (1987), em seu Discurso sobre as Ciências, identifica o nascimento de um novo “*paradigma*” – ou paradigma emergente, ou da ciência pós-moderna – que viria representar a “*recuperação*” dos estratos semânticos do conceito de humanismo. Este paradigma teria um cunho especulativo, superando a dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, assim como a revalorização dos estudos humanísticos. Para o autor, à medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais, essas se aproximam das humanidades (Santos, 1987, p. 43).

Como em Richard Rorty (1997, 2000), para Santos (1987, p. 54), a criação científica aproxima-se da criação literária, uma vez que a ciência é, antes, outra construção da linguagem, apenas diferenciável por suas características de método. Como lembra Nepomuceno (2005, p. 157), o princípio fundamental dos humanistas residia em sua preocupação com a linguagem – em outras palavras, em uma reviravolta no olhar sobre a linguagem.

... a subversão humanista estaria residindo apenas numa polêmica de linguagem: aos comentários teológicos, às quaestiones das sumas medievais, aos exercícios de raciocínio e aos volumosos tratados da Escolástica, os humanistas iriam opor as cartas literárias (de caráter subjetivo), os diálogos, as traduções, a pesquisa filológica, a liberdade de estilo, a poesia latina e vernácula, e por fim, as investigações históricas e morais. (Nepomuceno, 2005, p. 157)

O desdobramento da virada linguística na Ciência da Informação veio acompanhado, a partir dos anos 1980, de uma ampla discussão sobre o “*lugar*” da área dentro da árvore do conhecimento. Um conjunto de discursos se apresentou nestes anos afirmando a posição da Ciência da Informação a partir de diferentes visões... como ciência social (Azevedo Netto, 1999; Araújo, 2003), como ciência social pós-moderna (Carvalho, 1999), como campo nem social nem humano, mas diferente, envolvendo ambas as manifestações, mas simultaneamente

carecendo, em sua estrutura, de outros saberes desenvolvidos em outras grandes áreas (Loureiro, 1999). Em linhas gerais, estes discursos reafirmaram a posição do campo como uma ciência social aplicada, seguindo a classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. No entanto, suas abordagens e seus métodos atravessam hoje, como em outras disciplinas, o território das ciências sociais em direção às ciências humanas.

É importante perceber a dinâmica de reorientação das práticas e das reflexões no campo provinda da viragem linguística. Através deste outro posicionamento, o campo sofre transformações que repercutem, ora na reflexão epistemológica para a prática, ora na prática para o discurso epistemológico em construção, ora na arquitetura de seu currículo. É neste contexto que atentamos para um horizonte aberto pela aproximação a uma *“Filosofia informacional da linguagem”* na Ciência da Informação, com marcante influência de olhares humanistas.

Neste gesto temporal, histórico, político e epistemológico, o campo volta-se diretamente para as Humanidades, comungando implícita ou explicitamente dos elementos que fundaram e ainda sustentam a noção de humanismo. Habermas e Rorty, ao se debruçarem sobre a teoria da ação comunicativa e sobre o neopragmatismo, respectivamente, apresentam possibilidades de recompreensão deste movimento. Junto dos filósofos, buscamos aprofundar a hipótese desta aproximação e suas possibilidades abertas ao pensamento epistemológico informacional.

Habermas e as humanidades: para perder-se na cidade da linguagem

*- Onde está o sábio? – O fumador apontou para o lado de fora da janela.
Era um jardim com brinquedos para crianças: os pinos, a gangorra, o pião.
O filósofo estava sentado na grama. Disse:
- Os símbolos formam uma língua, mas não aquela que você imagina conhecer. Ítalo
Calvino*

A partir de uma discussão em torno de Ítalo Calvino, Habermas (2004) abre o debate sobre os gêneros Filosofia e Ciência. No âmbito desta aproximação, percebe-se a ligação do discurso literário com o discurso filosófico. Para Habermas (2004) esta forma de compreensão é estruturada no processo da viragem da Filosofia da consciência para a Filosofia da linguagem.

*Com efeito, depois de todas as conotações da autoconsciência, da autodeterminação e da auto-realização se encontrarem expurgadas dos conceitos fundamentais da Filosofia, a linguagem (em vez da subjetividade) pode autonomizar-se de tal modo no destino epocal do ser, na vertigem dos significantes, na competição fratricida dos discursos, que as fronteiras entre os significados literal e metafórico, entre a lógica e a retórica, entre o discurso sério e o discurso fictício, se diluem na torrente de um processo textual geral (administrado de forma indistinta por pensadores e poetas).
(Habermas, 2004, p. 239)*

De fato, a teoria da comunicação habermasiana, ou a teoria da ação comunicativa, o mundo da vida, um complexo sistema de referências, é identificado como saber que é transmitido culturalmente, e esta transmissão se dá pela linguagem. A ação, compreendida como a *“dominação das situações”*, se dá a partir do processo circular do ator – este, produtor de atos e produto de tradições. Assim, a perspectiva dos participantes no mundo da vida pressupõe uma perspectiva dos narradores enquanto elemento cognitivo que se insere no mesmo mundo em seu desdobrar-se no cotidiano (Habermas, 2003, p. 191-192). O filósofo integra assim a *“teoria da ação comunicativa”* ao chamado *“saber narrativo”* de Calvino, investigado no campo literário por Moreira (2008).

Deste modo, o olhar sobre uma perspectiva comunicacional em Habermas (2004, p. 240) superaria a *“Filosofia do sujeito”*, a partir do dispositivo de desvelar no *“auto”* da *“autoconsciência, da autodeterminação e da auto-realização a estrutura intersubjetiva de perspectivas mutuamente entrosadas e de reconhecimento mútuo”*. Valoriza-se, em negação a uma filosofia reflexiva, o conhecimento intersubjetivo, a liberdade comunicativa e a individuação por intermédio da socialização. (Habermas, 2004, p. 240)

O afastamento da concepção cientificista da realidade – uma autocompreensão que parece negligenciar todo o complexo de saberes e acontecimentos que envolvem a construção do mundo da vida, retirada do conceito de razão tecido na Modernidade -, é tratada no vocabulário habermasiano como visão pós-estruturalista – este, um

dos conceitos lembrados por [Rorty](#) (2000, p. 56-57) como representantes do complexo de abordagens que representam a viragem linguística. Ela afasta a estrutura que define a realidade como uma “*concatenação de acontecimentos de verdade*”, superando a Filosofia do sujeito. O mundo agora é tomado como um acontecimento do discurso ([Habermas](#), 2004, p. 240). Enquanto fato discursivo, o mundo não está nas mãos do sábio, nem do rei, mas daquele que profere o discurso, como em *Ipásia*.

[Habermas](#) (2004, p. 241) percebe este movimento, oriundo da viragem no horizonte da linguagem, como o resultado do declínio da subjetividade transcendental. Afastada esta maneira de perceber a realidade que perdurou por séculos, a análise sobre o mundo da vida se dá a partir da apreensão do mesmo como uma “concatenação anônima de acontecimentos linguístico que tanto dá origem a mundos como os absorve, [...] que tudo perpassa: os limites, tornados porosos, do Eu, do autor e da respectiva obra”.

O ator habermasiano é, deste modo, aproximado do leitor de *Calvino*: ator-autor do texto que lê a partir da ação que empreende, uma ação de compreensão e de intercâmbio – na teoria da ação comunicativa, esclarece [Habermas](#) (2003, p. 199), esta ação não pode ser vista de maneira unilateral como um processo de entendimento, mas simultaneamente como um deslocamento de interação através do qual o ator/autor se reconhece, desenvolvendo, confirmando e renovando seus dispositivos de pertencimento aos grupos sociais dos quais participa.

Em outras palavras, “*o leitor que toma posições relativamente às pretensões de validade inerentes a um texto, da mesma forma como o faz ‘lá fora’ no dia-a-dia, tenta apreender algo através do texto – e destrói a ficção*” ([Habermas](#), 2004, p.253). O ator/leitor/autor se comporta perante os textos filosóficos e científicos assim como se comporta na realidade: atua a partir de uma crítica que visa “*pretensões de validade apresentadas no interior do texto*”, ou no interior do complexo de discursos que compõe o mundo da vida. ([Habermas](#), 2004, p.254)

Desta maneira, a viragem na direção da Filosofia da linguagem aproxima diretamente Filosofia e Ciência, e Ciência e Literatura. As três instituições são tomadas como gestos do discurso. Em outras palavras, esta movimentação íntegra – ou reíntegra – saberes filosóficos e saberes científicos às Humanidades, reorientando a racionalidade moderna das filosofias da consciência e da natureza para o estudo da linguagem, assim como o Humanismo o fez a partir do século XIV contra a Escolástica – esta, por sua vez, uma das principais bases da racionalidade moderna.

Como para o segundo Wittgenstein, Filosofia e Ciência são tomadas como crítica da linguagem. A ação que argumenta é entendida, por sua vez, como um saber/fazer específico do teórico da linguagem, de um crítico da literatura, de um mestre das belas letras, como Ítalo *Calvino*, não coincidentemente abordado por *Habermas* para sua análise do pensamento pós-metafísico. Percebe-se, assim, uma correspondência entre a forma literária e a convicção filosófica: “*quem compreende o enraizamento da teoria do mundo da vida de um modo contextualista quererá descobrir a verdade nas metáforas da narrativa*” ([Habermas](#), 2004, p. 254)

Rorty e o neopragmatismo: a realidade depois de *Ipásia*

*Compreendi que devia me libertar das imagens
que até ali haviam anunciado as coisas que procurava:
só então seria capaz de entender a linguagem de *Ipásia*. Ítalo *Calvino**

O pragmatismo é percebido por [Capurro](#) (2003) como corrente teórica iniciada nos anos 1980 na Ciência da Informação e que terá repercussão de profunda relevância no campo a partir de então, podendo ser reconhecida como um paradigma. A epistemologia da pragmática tem na movimentação dos construtores do conhecimento, pesquisadores e comunidades discursivas, seu primeiro objeto de investigação. No mundo informacional é a informação pragmática – ou a informação observada por um ponto de vista pragmatista - que responde pela complexa agenda de necessidades e usos da informação que os usuários compartilham. ([Rendón Rojas](#), 1996)

Defensor do pragmatismo e, para muitos, do chamado neopragmatismo, [Richard Rorty](#) (1997, p. 17) define esta corrente a partir de diferentes ângulos. Dentre os principais, o anti-representacionismo, ou a insistência na noção de que não há uma “*determinidade*” em questão no estudo do conhecimento e de nossas relações. A linguagem foi constituída pela “*ambiência na qual vivemos*” ([Rorty](#), 1997, p. 18). O teórico pragmatista não possui

nenhuma teoria da verdade (Rorty, 1997, p. 41), indo em direção contrária à tradição objetiva da ciência moderna, que buscava uma verdade sólida – a verdade como correspondência da realidade.

Segundo Sundin & Joahnnisson (2005), o foco na linguagem, consequência direta da virada linguística na filosofia ocidental, separaria o pragmatismo neo-clássico – representado, por exemplo, por William James e John Dewey –, voltado para a experiência, de um pragmatismo que orienta-se para linguagem. Há aqui a ênfase na comunicação – ou seja, na experiência pela linguagem. O neopragmatismo rortiano percebe como infrutífera a distinção entre o que é real e o que parece apresentar-se como real. Para o filósofo norte-americano, é mais útil tratar de justificações de crenças através do uso de vocabulários específicos, do que procurar verdades finalistas. Todo uso da linguagem pressupõe justificação, capacidade de argumentar acerca das crenças selecionadas.

Visto isto, no âmbito pragmático, as sociedades, os textos literários, as moléculas, todas estas categorias podem ser tomadas como complexas (Rorty, 1997, p. 61-62). Se a comunidade acadêmica é percebida como ela é, um grupo de indivíduos produzindo saberes na/sobre a sociedade, “as oposições entre as humanidades, as artes e as ciências poderiam gradualmente desvanecer-se”; “ao invés disso, seriam pensados como denotando comunidades, cujas fronteiras são tão fluidas quanto os interesses de seus membros” (Rorty, 1997, p. 67-68). *De um ponto de vista pragmático, a racionalidade não é o exercício de alguma faculdade chamada “razão” – uma faculdade que apresenta alguma relação determinada com a realidade. Nem é o uso de um método. Ela é simplesmente uma questão de estar aberto e curioso, bem como de confiar antes na persuasão do que na força.* (Rorty, 1997, p. 87)

Deste modo, o pragmatismo sensibiliza olhares para o humanismo, uma filosofia ampla e aberta, discursiva, mais ligada à Retórica que à Lógica. Quando levado a definir a “*diferença sentida entre objetos concretos e flexíveis, o pragmático diz que a diferença é apenas entre as regras de uma instituição (a química) e aquelas de uma outra (a crítica literária)*” (Rorty, 1997, p. 118). Se as palavras são construções vivas dentro da realidade, o pragmatismo evita as tentativas de representar o real. Ao contrário, investiga as possibilidades de usar a realidade, pensando em uma compreensão cultural da mesma, e não em uma relação representacionista. Esta causa é o tecido das crenças, que instituem guias – referências – para compreendermos o mundo. A linguagem, assim, não é um meio de representar as coisas. Antes, é um “*intercâmbio de sinais e ruídos*”. (Rorty, 2000, p. 60)

O pragmatismo, outro olhar sobre as narrativas, não crê assim no conhecimento como uma relação entre mente e objeto, assim como o cognitivismo pressupõe. “*O que nós sabemos, tanto sobre os textos quanto sobre as amostras, não é nada além dos modos com que eles são relacionados com outros textos e amostras mencionados nas ou pressupostos pelas proposições que nós usamos para descrevê-los*” (Rorty, 1997, p. 123). Todo objeto científico é uma narrativa científica divulgada na forma de uma descrição (Rorty, 1994, p. 19). Assim, “*filosofia e crítica literária (...) não são coisas que devem ser separadas*” (Rorty, 1997, p. 127). O pragmatista norte-americano propõe, desta maneira, uma viragem linguística radical, afirmando que, uma vez reconhecido o mundo plural da linguagem, ou seja, uma vez dentro de *Ipásia*, sua saída só pode se dar através da linguagem – único modo de reconhecer a ideia de humano.

Para Rendón Rojas (1996), o enfoque pragmático é um fundamento essencial para o estudo da informação, uma vez que reconhece a dialética do sujeito com o mundo que o cerca. González de Gómez (1996a) partilha da mesma opinião. A autora observa que a pragmática apresenta elementos para superar os limites, as simplificações e exclusões das teorias sintática e semântica da informação. Segundo González de Gómez (1996a), na década de 1980, diversos estudos da informação se concentraram no problema da relação *significado-informação*, mas a partir de diferentes objetivos. Dentre estes, dinamizar sistemas de recuperação da informação, aperfeiçoar os mecanismos de representação informacional e incorporar a diversidade cultural na programação de ações locais.

Dentro do pragmatismo, os problemas informacionais são tratados como “*questões humanas*”, não como demandas físicas, isto é, os problemas de classificação e catalogação não são situações complexas de livros, documentos ou bits, mas entraves/desafios da representação, da organização e da sistematização de culturas, fontes de investigação do conteúdo. Desta forma, a partir do pragmatismo, não são o livro nem o computador os objetos de estudo da Ciência da Informação, mas, sim, o mundo informacional construído pelo homem, do qual estes e tantos outros artefatos fazem parte.

Considerações finais: alguns breves traços do “humanismo informacional” ou a informação em *Ipásia*...

*Sem dúvida também em *Ipásia* chegará o dia em que o meu único desejo*

será partir.

Sei que não devo descer até o porto mas subir o pináculo mais elevado da cidadela e aguardar a passagem de um navio lá em cima.

Algum dia ele passará? Não existe linguagem sem engano. Ítalo Calvino

Para [Habermas](#) (2004, p. 68), a passagem da Filosofia da consciência para a linguagem traz algo além das vantagens metodológicas. Há também, na visão do filósofo, ganhos objetivos, contra a crítica em geral remetida ao seu relativismo. As filosofias da linguagem permitiriam abandonar o “*círculo impropriedade entre os pensamentos metafísico e antimetafísico*”, ou “*idealismo*” e “*materialismo*”, recuperando problemas históricos da filosofia que a metafísica não podia solucionar. Esta travessia da filosofia analisada por [Habermas](#) (2003, 2004) é tomada por [Rorty](#) (1994, p. 94) como a tentativa de substituição da noção de crenças verdadeiras tomadas como representação das coisas pela coerência da noção de crenças como “*regras auspiciosas de ação*”.

O contextualismo anunciado pela Filosofia da linguagem tanto na Teoria da Ação Comunicativa habermasiana como no neopragmatismo de Rorty percebem a persuasão como contraponto à metafísica e à verdade última. Esta concepção permite ao pensamento recuperar os relevantes dispositivos do pensamento oriundo das Humanidades, restaurando alguns pressupostos abandonados humanistas no âmbito das ciências naturais. As experiências estéticas, sobretudo da área da literatura e da teoria literária, diz [Habermas](#) (2004, p. 241), são manifestações que nunca abandonaram este contextualismo pragmático.

Deste modo, a interpretação literária pode ser tão “*científica*” quando a análise de uma molécula – a diferença é que na primeira “*sabemos como formar e defender hipóteses sobre intenções do autor*”, mas no segundo caso não ([Rorty](#), 1997, p. 121). Neste aspecto, o pragmatismo supõe um retorno da narrativa deposta, segundo [Benjamin](#) (1985), pela informação. É preciso investigar as atmosferas – os contextos – que cercam o objeto, o termo, o diálogo, pois ali está o significado destes elementos. A vivência coletiva da linguagem constituída é o fato que “*estabiliza*” a pluralidade sem o relativismo *ad infinitum*.

A vivência cria a possibilidade de julgar, de significar. O jogo de linguagem de cada produção discursiva, de onde emergem os intercâmbios informacionais e a interpretações dos artefatos de memória, pode expressar muitas formas de vida, sem que uma forma de vida ou linguagem sintetize outras, sem que se estabeleçam como incomensuráveis ([González de Gómez](#), 1996a). Este movimento, no âmbito da Ciência da Informação, identifica a modificação de propostas teóricas físico-cognitivas para abordagens pragmatistas, como a análise do domínio ([Hjørland, Albrechtsen](#), 1995) e a cibersemiótica ([Brier](#), 1996), que igualmente revelam a aproximação entre Ciência da Informação e Humanidades.

O sétimo princípio da “*análise do domínio*”, proposta teórica da Ciência da Informação desenvolvida por [Hjørland & Albrechtsen](#) (1995) e apontada por [Capurro](#) (2003) como reflexo direto da viragem linguística no campo, percebe o conhecimento entre: a) *aquele que apenas se realiza na atmosfera dispersa da comunicação, não formalizado, isto é, uma espécie de meta-conhecimento, ligada a informações que se sedimentam em tradições no tempo*; e b) *aquele conhecimento formalizado, que é costurado através de uma sintaxe e legitimado por um vocabulário, por um léxico que sustenta a comunicação*. Nesta visão, as múltiplas linguagens – e seus múltiplos jogos – e a arte são também construtoras do conhecimento. Por sua vez, o segundo princípio postula que “*viver e agir nos três mundos constitui o a priori do conhecimento*” ([Hjørland, Albrechtsen](#), 1995). Neste sentido, só há conhecimento na vivência.

Como em todo o pragmatismo, a “*análise do domínio*” não distingue as formas do conhecimento, privilegiando esta ou aquela, não tratando, por exemplo, a ciência como um conhecimento superior ao conhecimento produzido por outras comunidades discursivas, além da sociedade científica. Nesta medida, para além de pontuar a Ciência da Informação como ciência social aplicada, assim como [Capurro](#) (1992) teria observado, a Ciência da Informação faz parte de uma tradição maior, ligada à Retórica, como também à Filologia. Logo, a Ciência da Informação é também uma ciência próxima e/ou íntima das Humanidades.

Assim como [Frohmann](#) (1992), [Brier](#) (1996) pretende superar uma abordagem cognitiva no plano da organização e da recuperação de informação e realiza uma revisão dos pressupostos cognitivos na Ciência da Informação e aponta caminhos para o aprofundamento das questões que ficam à margem deste modelo de investigação – basicamente questões ligadas a complexidade social e linguística da Ciência da Informação e da recuperação da informação. [Brier](#) (1996) também observará que esta tradição negligencia a dinâmica dos aspectos culturais e

sociais dentro dos processos informacionais, uma vez que procura identificar apenas uma mente em sua apreensão individual do documento. Por isso, aponta a necessidade de mapeamento das condições pragmáticas de interpretação de conceitos, propondo a experiência metodológica da *cibersemiótica*.

A partir desta abordagem, Brier (1996) observa a virada nas práticas informacionais: da compreensão mecânica do processamento informacional dentro da recuperação da informação baseada no cognitivismo para compreensão dos sistemas de mediação de documentos vislumbrados a partir de pontos de vista pragmáticos, semióticos, cibernéticos e sociais. Se temos, no campo da recuperação da informação, um certo “*paradigma numérico*”, que parte da ciência da computação, este apreende resultados não-ambíguos e não-contraditórios, praticando uma dessemantização dos objetos. É necessária, ao contrário, uma caminhada no sentido inverso, no intuito de ressemantizar e/ou encontrar outros significados dos signos, pois todos os textos/documentos carecem de referenciais sociais vivos.

Verifica-se uma aproximação, como é tendência no ponto de vista pragmatista da realidade, entre os estudos literários e os discursos científicos: são, todos eles, elementos cercados por ideologias e utopias, por instituições e suas regras. No vocabulário da Retórica, a qual a “*análise do domínio*” e a “*cibersemiótica*” se integram, são todos eles discursos a serem desconstruídos. A linguagem é um objeto preliminar de estudo. Por isto, todo o conhecimento é, antes, um complexo de discursos compartilhados. Em outras palavras, todas as formas de conhecimento são narrativas sob a sombra de uma cultura específica. Da organização do conhecimento passamos a perceber a prática informacional a partir de micro-estudos, que envolvem agora os atos discursivos. Chegamos, pois, às políticas de informação (González de Gómez, 1996b), orientadas para localidades contextualizadas. Aqui em *Ipásia* a linguagem é processo e produto e a informação não está dada, muito menos estão suas possibilidades de organização constituídas previamente. *Ipásia* é o acontecimento do discurso por vir e sua ordem a ser informacionalmente negociada.

Bibliografia

AABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. Ci. Inf., v. 32, n. 3, Brasília, set./dez. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/29/25> Acesso em: 30 maio 2010.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Uma face da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Leda Vânia R. Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 133-141.

BENJAMIN, Walter. Narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRIER, Soren. Cybersemiotics: a new interdisciplinary development applied to the problems of knowledge organization and document retrieval in information science. Journal of Documentation, v. 52, n. 3, p. 296-344, sep. 1996.

BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o novo milênio: lições americanas. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

_____. As cidades invisíveis. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds.). Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND. 1991. Proceedings... London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p.82-96.

_____. Epistemologia y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CARVALHO, Eduardo Costa. A natureza social da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Leda Vânia R. Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 51-63.

FROHMANN, Bernd. The power of images: a discourse of images: a discourse analysis of cognitive viewpoint. Journal of Documentation, v. 48, n. 4, p. 365-386, 1992.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, p. 217-222, set./dez. 1993.

_____. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia”. Transinformação, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56,

set./dez. 1996a.

_____. Da organização do conhecimento às políticas de informação. Informare: caderno do programa de pós-graduação em ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 58-66, jul./dez. 1996b.

_____. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001;

_____. Dos Estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social desde o ponto de vista da Informação. In: Miriam de Albuquerque Aquino. (Org.). O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora UFPB, 2002. p. 25-47.

HABERMAS, J. Teoria de la accion comunicativa. Madrid: Taurus, 2003.

_____. Pensamento pós-metafísico: ensaios filosóficos. Coimbra: Almedina, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Carta ao humanismo. In: Marcas do caminho. São Paulo: Petrópolis, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p. 326-376.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. Journal of the American Society for Information Science, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995;

LOUREIRO, José Mauro M. Ciência da informação: nem ciência social nem humana, apenas uma ciência diferente. In: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT/DDI/DEP, 1999. p. 65-77.

MOREIRA, Maria Elisa R. Saber narrativo: proposta para uma leitura de Ítalo Calvino. Em tese, Belo Horizonte, v. 12, p. 1-6, 2008.

MÜLLER, Suzana P.M. [A pesquisa em Ciência da Informação no contexto das Ciências Humanas](#). DataGramZero: revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 6, dez. 2000.

NEPOMUCENO, Luís André. A modernidade da História nas raízes do Humanismo. OPSIS - Revista do NIESC (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais), vol. 5, p. 151-164, 2005.

NOVELLINO, Maria Sallet F. A teoria da ação comunicativa e a representação da informação. Informare: caderno do programa de pós-graduação em ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 73-79, jul./dez. 1996.

_____. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. Perspect. Cienc. Inf., Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 137-146, jul./dez. 1998.

RENDÓN ROJAS, Miguel A. R. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia. Transinformação, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

_____. Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecologia. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecologicas, 1997. (Monografias, 24).

_____. Cuestiones epistemologicas de la ciencia bibliotecologica y la informacion. INFORMARE: cad. do prog. de pós-graduação em ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-37, jul./dez. 1999.

RORTY, Richard. Contingência, ironia e solidariedade. Lisboa: Presença, 1994.

_____. Objetivismo, relativismo e verdade. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

_____. Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

SANTOS, Boaventura de S. Um discurso sobre as ciências. 9 ed. Porto: edições Afrontamento, 1987.

_____. Introdução a uma ciência pós-moderna. 3a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SILVEIRA, Ronie Alessandro Teles da; GHIRALDELLI JR., Paulo (orgs.). Humanidades. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Biblioteca Universal).

SUNDIN, O; JOHANNISSON, J. Pragmatism, neo-pragmatism and sociocultural theory: communicative participation as a perspective in LIS. Journal of Documentation, v. 61, n. 1, p. 23-45, 2005.

VALIA, Victor V. A Ciência da Informação e as ciências humanas. Ci. Inf., Brasília, v. 12, n. 2, jul./dez. 1983

Sobre o autor / About the Author:

Gustavo Silva Saldanha

saldanhaquim@gmail.com

Professor Assistente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutorando em Ciência da Informação pelo IBICT/UF RJ.